

A LITERATURA QUE NÃO SE LÊ NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ATRAVÉS DO CONTO NO SEU PESCOÇO, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

LITERATURE YOU DON'T READ IN SCHOOL: BUILDING IDENTITIES THROUGH THE TALE ON YOUR NECK, BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Bruna Agliardi Verastegui¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar de que forma as pedagogias culturais podem construir e moldar identidades a partir das representações encontradas nas produções literárias contemporâneas de autoria feminina. Sabe-se que a literatura enquanto componente curricular no Ensino Médio ocupa, geralmente, o período de uma hora por semana, o que limita o ato da leitura e dá preferência por autores do cânone literário que, de maneira geral, é composto por homens. Devido a isso, onde a literatura de autoria feminina e contemporânea se encontra? Em outros espaços que não se constituem como ambientes formais de ensino, mas que também incutem nos sujeitos formas de ser, agir e pensar, transformando-os. Para analisar essas questões, analiso o conto “No Seu Pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie, fazendo uso dos conceitos de representação, identidade e pedagogias culturais pelas lentes dos Estudos Culturais, área em que a cultura possui caráter central e constitutivo tanto na sociedade, quanto nos sujeitos.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Pedagogias Culturais; Representações; Literatura; Literatura Nigeriana.

Abstract: This article aims to analyze how cultural pedagogies can build and shape identities based on representations found in contemporary literary productions by female authors. It is known that literature as a curricular component in High School usually occupies a period of one hour a week, which limits the act of reading and gives preference to authors of the literary canon, which, in general, is composed of men. Because of this, where does female and contemporary authored literature meet? In other spaces that are not formal teaching environments, but that also instill in the subjects ways of being, acting and thinking, transforming them. To analyze these issues, I analyze the short story "No Seu Pescoço", by Chimamanda Ngozi Adichie, making use of the concepts of representation, identity and cultural pedagogies through the lens of Cultural Studies, an area in which culture has a central and constitutive character both in society, as in the subjects.

Keywords: Cultural Studies; Cultural Pedagogies; Representations; Literature; Nigerian Literature.

INTRODUÇÃO

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 491), o texto literário tem ficado em segundo plano no ensino de literatura nas escolas por conta “de certa simplificação didática”, em que se prioriza a história da literatura, as histórias de vida dos autores, as características das épocas históricas e os resumos dos textos. Isso ocorre devido ao espaço curto de tempo destinado às aulas de literatura no Ensino Médio, que geralmente se resumem a um período por

¹ Mestranda em Educação e Estudos Culturais na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), campus Canoas/RS. Pesquisa sobre a literatura contemporânea de autoria feminina e também sobre o ensino de literatura em espaços formais e informais de educação. Atua como professora de Língua Portuguesa nos Ensinos Fundamental e Médio. E-mail: bruna_verastegui@outlook.com

semana. Entretanto, sabe-se que os alunos não leem apenas na escola, nem apenas nas aulas de literatura; é necessário analisar além do espaço escolar: o que os alunos têm lido em casa, no livro que ganharam de presente, no grupo dos amigos e no próprio celular, através de redes sociais, aplicativos e notícias?

Os entrelaçamentos entre ensino e aprendizagem ocorrem em distintos espaços, daí a importância de não remeter a aquisição de conhecimentos apenas ao que é ensinado nos espaços formais de ensino. Segundo Steinberg (1997, p. 101-102), a “educação ocorre numa variedade de locais sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela”. A pesquisadora entende os locais sociais como locais pedagógicos, “onde o poder se organiza e se exercita, tais como as bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc...”.

Dessa forma, vários artefatos podem ser considerados pedagógicos, já que ensinam um modo de ser em um determinado tempo histórico e em uma determinada cultura, formando opiniões e formas de perceber a sociedade e a si mesmo. Neste artigo, optamos por analisar a literatura de autoria feminina como um artefato cultural que, através das representações ali escritas, reverberam uma forma específica de perceber questões de gênero, como o machismo, o patriarcalismo, a desigualdade entre homens e mulheres; questões de raça e também de classe. Essas representações pretendem ser o oposto das representações de mulher que são disseminadas na maioria dos livros literários escritos por homens, mas ainda assim é importante perceber que ambas são representações, não um retrato fiel da realidade.

As representações que lemos, ouvimos e escutamos possuem relação direta com nossas identidades, moldando-as, transformando-as. Para Woodward (2014, p. 56), “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades”. Essas posições alteram as opiniões e as posições que os sujeitos ocupam dentro de suas culturas, daí a importância de analisá-las.

Para este estudo, analisaremos o conto *No Seu Pescoço*, de Chimamanda Ngozi Adichie escritora negra e nigeriana, a fim de discorrer sobre a forma que essa narrativa produz e altera identidades através das representações contidas em seu texto literário, que se fazem presentes por meio da linguagem.

METODOLOGIA

No que refere à metodologia, este artigo conta com pesquisa bibliográfica em livros e periódicos a partir dos conceitos de representação, identidade e pedagogias culturais pela lente dos Estudos Culturais, relacionando-os com o conto *No Seu Pescoço*, de Chimamanda Ngozi Adichie.

O método escolhido para a realização deste artigo é qualitativo e tem como fundamentos as temáticas: narrativa literária de Chimamanda Ngozi Adichie e a construção de identidades. Como aporte teórico, foram selecionados os estudos de Stuart Hall, Kathryn Woodward, Tomaz Tadeu da Silva, Giroux e bell hooks.

REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E PEDAGOGIAS CULTURAIS

A cultura, como defende Hall (1997a, p. 39), possui caráter central na vida social, regulando “nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla”. Dessa maneira, podemos pensar que a cultura constrói, molda e altera nossas identidades, pois está presente em todas as instâncias de nossa vida.

Por muito tempo, a cultura foi vista como elitista, considerando como tal apenas o erudito, o clássico, a perfeição estética. A alta cultura, das elites, era vista como a correta, boa, de qualidade, enquanto a cultura de massa, produzida pelas classes sociais mais baixas, era percebida como ruim, degradante, sem importância. Atualmente, o termo cultura é mais abrangente e refere-se a “tudo o que seja característico sobre o ‘modo de vida’ de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social – o que veio a ser conhecido como a definição antropológica”. No âmbito sociológico, a cultura também pode ser descrita como “os valores compartilhados de um grupo ou de uma sociedade” (HALL, 2016, p. 19).

Contudo, como a cultura é representada? Podemos dizer que a cultura emerge através da linguagem, pois é por meio da linguagem que “pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura” (HALL, 2016, p. 18). A linguagem, então, é um sistema de representações, responsável por formar práticas discursivas que constituem, constantemente, nossas identidades.

A “virada cultural” fez com que a linguagem fosse vista de uma forma mais abrangente, constituidora de práticas de representação que constroem e fazem circular significados. De

acordo com Hall (1997a, p. 29), “o significado surge não das coisas em si – a “realidade” – mas a partir dos jogos da linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são inseridas. O que consideramos fatos naturais são, portanto, também fenômenos discursivos”.

Dessa maneira, não podemos tratar os discursos como detentores de uma verdade absoluta, mas como uma forma de atribuírem um determinado significado para algo. Para Hall (1997a, p. 29), “a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significação às coisas”. Portanto, as identidades são modificadas a partir de práticas discursivas contidas no que vemos, lemos, ouvimos, compramos, etc.

Essas ações são baseadas em nosso pertencimento e identificação com temáticas e assuntos específicos, com “características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”. É importante ressaltar que a identificação é “uma construção, [...] um processo nunca completado”; a identificação é mutável, podendo ser mantida, mas também podendo ser substituída (HALL, 2014, p. 106).

Ainda sobre a identidade, é relevante destacar que ela é “marcada pela diferença”. Uma “identidade brasileira”, por exemplo, só pode ser pensada dessa maneira por sabermos que existem outras identidades nacionais, de outros países, que não são a nossa. Portanto, a identidade “se distingue por aquilo que ela não é” (WOODWARD, 2014, p. 9).

Segundo Woodward (2014, p. 17-18), a representação é constituída por práticas de significação e também por um conjunto de símbolos, onde são construídos os significados e onde somos posicionados como sujeitos. Através dos sentidos que são produzidos pelas representações, formamos quem somos e também quem poderemos ser ou não ser.

A representação liga “o sentido e a linguagem à cultura”, já que “representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p. 31). A representação, então, não pode ser percebida como um reflexo da “vida real”, mas sim como uma forma de significá-la através da linguagem. A representação está sempre ligada ao tempo histórico, ao local e ao espaço em que se disseminará, pois tem uma intencionalidade, sempre relacionada ao jogo de poder, que quer atribuir um determinado significado.

Corroborando com isso, Tomaz Tadeu da Silva (2003, p. 35) analisa que a representação tem o intuito de significar as coisas, porque existe:

[...] uma relação entre um significado (conceito, idéia) e um significante (uma inscrição, uma marca material: som letra, imagem, sinais manuais). Nessa formulação, não é necessário remeter-se à existência de um referente (a “coisa” em si): as “coisas” só entram num sistema de significação no momento em que lhes são atribuídas um significado.

É possível representar, por exemplo, o período de colonização do Brasil de formas distintas: em algumas obras brasileiras pertencentes ao cânone literário, o indígena é tratado como preguiçoso, pacífico e servil, pois a visão paternalista dos europeus sobre seus colonizados dava a entender exatamente isso; em outras obras literárias contemporâneas, o indígena é mostrado como pertencente a uma cultura que não era igual a europeia, com saberes, comportamentos e modos diferentes. Nessas duas vertentes ocorrem representações que tentam atribuir um significado, a um determinado tempo histórico. Ambas possuem uma intencionalidade, uma disputa por uma “verdade” que se quer instituir para todos.

Essas representações, apesar de não refletirem de forma direta o real e o concreto, ensinam maneiras de ver e pensar os outros e a si próprio através delas ao longo da vida; se vemos os empregados domésticos das novelas brasileiras sendo representados apenas por atores negros, por exemplo, estaremos aprendendo que a posição do sujeito negro se limita aquela. Atualmente, outras representações emergem para produzir outros tipos de perspectivas, que sejam positivas e não pejorativas, e são essas representações que este artigo pretende apresentar através da narrativa de Chimamanda.

De acordo com Fischer e Silva (2018, p. 3), a literatura “pode promover uma mudança de direção, de remanejamento, no que diz respeito aos lugares de saber e não-saber instituídos – colocando em questão o que somos e aquilo que chegamos a vir a ser”. A partir do texto literário, somos instigados a pensar de outra forma, a receber outros tipos de ensinamentos, ampliando nosso repertório cultural, repensando nossas posições. Isto é, o texto literário pode ser uma ferramenta importante para transformar uma determinada representação que há muito estava instituída como “verdade”.

Para Giroux (1995, p. 154-155), as grandes corporações, os filmes, os livros e as propagandas colocam os sujeitos, tais como as mulheres, os negros e os latinos, em posições imutáveis e inerentes, produzindo práticas discursivas que ensinam um jeito “certo” de ser, agir, pensar e constituir-se como sujeito na sociedade. O autor defende um alargamento do conceito de pedagogia, para que possa se pensar em práticas pedagógicas para além da escola, aliando a pedagogia com a cultura. Segundo ele, “[...] a pedagogia do poder é usada para produzir

narrativas, representações e histórias particulares sobre quem está autorizado a falar, sob quais condições e no interesse de quem”.

Em consonância com isso, Hall (2016, p. 78) aponta para o fato de que “em certos momentos históricos algumas pessoas têm mais poder para falar sobre determinados assuntos do que outras”.

Já Camozzato (2012, p. 20), defende que as pedagogias culturais “estão compreendidas nos processos que nos tornam sujeitos de determinado tempo, em um contexto determinado e situado. Há, nesse sentido, muitos espaços e artefatos disponíveis para que as pedagogias funcionem [...]”, ou seja, as pedagogias culturais são múltiplas e, independente da intencionalidade das práticas discursivas de cada uma, elas tornam possível que os sujeitos “aprendam a se modificar e estabelecer relações consigo e com o mundo que os cerca” (CAMOZZATO, 2012, p. 20).

Portanto, podemos concluir que tanto a identidade, quanto a representação possuem grande relevância no circuito da cultura, já que, assim como a sociedade, estão sempre em constante mudança e alteração. As pedagogias culturais nos fazem perceber que há intenções pedagógicas em todas as instâncias da vida social e não apenas nas instituições escolares. É fundamental que estejamos cientes da pedagogização da sociedade nos mais variados âmbitos, não para combatê-la, mas sim para analisá-las com criticidade.

NO SEU PESCOÇO: A IDENTIDADE MARCADA PELA DIFERENÇA

O conto intitulado *No Seu Pescoço*, de Chimamanda Ngozi Adichie, é narrado na segunda pessoa do singular, e tem como personagem principal o próprio leitor – *você*. Apesar de não ser um foco narrativo muito usado nas obras literárias, esse recurso faz o leitor se envolver mais com a narrativa do conto.

Ele faz parte do livro também intitulado *No Seu Pescoço*, obra que traz doze contos da escritora Chimamanda. O livro foi publicado pela Companhia das Letras em 2017 e, assim como outros livros da autora publicados no Brasil, vendeu muitos exemplares, tornando-se logo um *best-seller*.

Sabendo que a literatura contemporânea não ocupa, geralmente, muito espaço nas aulas de literatura, tanto pelo engessamento do currículo das instituições, quanto pelo tempo escasso

destinado à referida disciplina, é que afirmamos, no título do artigo, que esse tipo de literatura não se lê na escola.

Quanto a estória, relata o deslocamento da personagem principal de Lagos para os Estados Unidos, em busca de uma vida melhor. Já nos Estados Unidos, a personagem passa a morar com seu tio, a esposa dele e os dois filhos do casal, que já estavam residindo a mais tempo “numa pequena cidade de gente branca no Maine” (ADICHIE, 2017).

Logo no início da narrativa, nota-se a primeira marca da diferença na identidade da personagem. No conto, o narrador informa que:

Seu tio lhe mostrou como se candidatar a uma vaga de operadora de caixa no posto de gasolina da rua principal e matriculou você numa faculdade comunitária, onde as garotas tinham coxas grossas, usavam esmalte vermelho vivo e um bronzeador artificial que as deixava com a pele laranja. Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas. Seu tio lhe disse que aquilo era esperado; uma mistura de ignorância e arrogância, foi como ele definiu. Então ele contou como seus vizinhos comentaram, alguns meses depois que ele se mudou, que os esquilos haviam começado a desaparecer naquela área. Disseram que tinham ouvido falar que os africanos comiam todo tipo de animal selvagem (ADICHIE, 2017).

De acordo com Silva (2014, p. 74), a “identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência”. É por meio da diferença que afirmamos nossa identidade: se declaro que sou negro, também estou declarando que não sou branco, que não sou pardo. A personagem do conto, ao migrar para os Estados Unidos, tem sua identidade marcada pela diferença.

Como no trecho acima, vemos que as colegas de faculdade marcam o tempo todo as diferenças entre elas e a personagem: são norte-americanas, não são africanas; têm o cabelo liso, não cacheado; têm a pele branca, não negra.

A pesquisadora bell hooks (2019a, p. 32), afirma que “ser negra nos Estados Unidos é uma tarefa difícil”, pois os sistemas educacionais são pensados a partir da supremacia branca e a mídia, de modo geral, é extremamente racista. Esses fatores fazem com que a população negra internalize que suas questões, demandas e vivências não são importantes, nem dignas de destaque.

No mesmo sentido, Hall (apud HOOKS, 2019a, p. 34), refere que “as maneiras pelas quais os negros, as experiências negras, foram posicionados e sujeitados nos regimes

dominantes de representação surgiram como efeitos de um exercício crítico de poder cultural e normalização”. Isto é, o discurso hegemônico, disseminado pelos europeus brancos, representou os negros como sujeitos inferiores, incultos, selvagens. Essas representações ainda circulam entre nós, como representado na passagem do conto de Chimamanda: as colegas da personagem perguntam se “havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos”, como se o continente africano fosse povoado por selvagens que não conheciam a “civilização” e o “progresso”.

Ainda no mesmo trecho, os vizinhos do tio da personagem acreditam que os esquilos começaram a sumir do bairro por conta dele, do negro, já que ouviram falar que “os africanos comiam todo tipo de animal selvagem”. Esse ouvir falar está representado por meio de filmes, livros, músicas, propagandas, revistas; esse ouvir falar incute diretamente na ideia que temos sobre uma determinada cultura, moldando nossas visões, perspectivas, construindo nossas identidades.

Após um tempo no Maine, a personagem é assediada pelo tio no porão da casa dele, onde dormia. A personagem se afastou, mas o tio disse que “[...] Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York?” (ADICHIE, 2017).

Podemos perceber aqui a identidade marcada pela diferença através do gênero: eu sou homem, não mulher. A partir disso, vemos que não só o racismo é um problema, mas também o machismo. De acordo com Hooks (2019a, p. 134), “Assim como as representações dos corpos das mulheres negras do século XIX eram construídas para enfatizar que esses corpos eram descartáveis, as imagens contemporâneas [...] passam uma mensagem semelhante”. Isto é, o corpo das mulheres negras é percebido como um objeto que tem como função das prazeres aos homens – sejam eles negros ou brancos. Na narrativa, as mulheres são vistas como mercadoria: não possuem capacidade de alcançarem altos cargos sem o auxílio de um homem, precisam utilizar seus corpos.

A personagem muda-se para Connecticut, abandona a faculdade e começa a trabalhar em um restaurante para se sustentar e também enviar dinheiro para a família que havia permanecido em Lagos. Para conseguir o emprego, ofereceu ao dono para trabalhar ganhando

um menor salário. Ou seja, a desigualdade salarial da mulher negra como imigrante em outros locais também é algo que deve ser percebido.

Além disso, o narrador coloca que “Muitas pessoas no restaurante perguntavam quando você tinha chegado da Jamaica, pois achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro era jamaicano. Alguns que adivinhavam que você era africana diziam que adoravam elefantes e queriam fazer um safári” (ADICHIE, 2017).

Aqui, vemos a noção de que a África não é um continente com vários países, culturas e etnias, mas sim uma região pouco habitada, onde só existem animais e pouca civilização. Sobre isso, Hall (1997b, p. 258), refere que:

Os estereótipos se apossam das características mais “simples, vívidas, memoráveis, de fácil apropriação e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa, reduzem tudo sobre a pessoa a essas características, exageram e simplificam-nas sem mudança e desenvolvimento para a eternidade. [...] O primeiro ponto é – os estereótipos reduzem, essencializam, naturalizam e fixam a “diferença”. Em segundo lugar, os estereótipos implantam uma estratégia de “divisão”. Eles dividem o que é normal e aceitável daquilo que é anormal e inaceitável. Em seguida, eles excluem ou expõem tudo o que não se encaixa. [...] Então, outra característica dos estereótipos é a sua prática de “fechamento” e exclusão. [...] Os estereótipos, em outras palavras, formam parte da manutenção de uma ordem social e simbólica. [...] O terceiro ponto é que os estereótipos tendem a ocorrer onde há grandes desigualdades de poder.

Sendo assim, podemos perceber a redução da personagem à sua origem, não se preocupando nem ao menos perguntar de qual país ela de fato era, já que há a representação de que todos são iguais. Além disso, a ideia de que a diferença é fixa, reduzindo a pessoa ao seu sotaque, a sua origem, etc., rebaixando-a, como se não fosse importante, nem digna de demonstrar ou ter suas particularidades como todos os demais. Os estereótipos são frutos das representações, e as representações são disseminadas através da linguagem, quase sempre de acordo com o discurso hegemônico vigente.

A personagem conhece um homem branco no restaurante e, após muitas insistências, aceita sair com ele. Os dois começam a se relacionar e a se encontrar frequentemente, mas haviam muitas diferenças entre os dois. Em uma conversa, o homem diz que:

[...] tinha tirado dois anos de férias para se encontrar e viajar, quase sempre para a África e a Ásia. Você perguntou onde ele acabou se encontrando e ele riu. Você não riu. Você não sabia que as pessoas podiam simplesmente escolher não estudar, que as pessoas podiam mandar na vida. Você estava acostumada a aceitar o que a vida dava, a escrever o que a vida ditava (ADICHIE, 2017).

A diferença de classe também se faz presente; enquanto o homem possuía certo poder aquisitivo e escolhera dar um tempo nos estudos, a personagem tivera que parar de estudar por não ter condições de pagar por nada no momento. Segundo Hooks (2019b, p. 125), “a situação econômica das mulheres negras nos Estados Unidos jamais foi segura. [...] os salários que mulheres negras recebem em média permanecem consideravelmente mais baixos do que os de ambos, das mulheres brancas e dos homens negros”.

Em outras passagens, o homem também se intitula vegetariano e a personagem pensa no quão raro era ter carne para comer em sua casa. As vivências de cada um se chocam, talvez para que o leitor perceba que não, nem todos são iguais; cada pessoa tem suas próprias singularidades – mesmo que as representações tentem mostrar o contrário no caso dos negros.

Em um dos encontros do casal em um restaurante, o homem conta para o garçom que já esteve em Xangai; este pergunta se ele tem uma namorada por lá, mesmo percebendo que o homem está acompanhado pela mulher negra. De acordo com o narrador:

Mais tarde, contou para ele por que estava chateada, dizendo que, apesar de vocês irem ao Chang's juntos com tanta frequência, apesar de terem se beijado logo antes de o garçom trazer os cardápios, aquele chinês presumiu ser impossível que você fosse namorada dele, e ele apenas sorriu, sem dizer nada. Antes de pedir desculpas, ele olhou para você com uma expressão vaga, e você soube que ele não tinha entendido (ADICHIE, 2017).

Essa impossibilidade de ver a mulher negra como namorada de um homem branco já é perpetuada há muito tempo por conta da ideia de que mulheres brancas são para casar e mulheres negras para servir ao homem. A omissão do homem sobre a fala do garçom mostra que ele, mesmo não admitindo, ainda tem essa representação de mulher negra como a correta em seu imaginário.

Na narrativa, por fim, a relação, mesmo que nunca assumida, não prevaleceu. A personagem recebeu uma carta de sua mãe, contando que o pai havia morrido. Ela decidiu que voltaria à Lagos para apoiar a mãe no momento de luto, não informando ao homem com quem estava se relacionando se voltaria para os Estados Unidos.

O conto de Chimamanda faz com que pensemos em como a identidade é fortemente afirmada pela diferença do Outro, e em como essas diferenças trazem marcas de gênero, raça e também de classe. Ao representar, por meio da linguagem, essas marcas de diferença, a escritora

está, de certa forma, fazendo com que seus leitores pensem, por meio da literatura, em questões que não eram representadas dessa maneira anteriormente, em outras narrativas.

De acordo com Kuhn (apud HOOKS, 2019a, p. 154), “para desafiar representações dominantes, é necessário antes de tudo compreender como elas funcionam, para então procurar os pontos de possíveis transformações produtivas”. Dessa forma, é necessário ter consciência de que a representação é um sistema de significados que se transforma constante, onde diversos grupos lutam para ressignificar seus pensamentos, lutas e perspectivas, não só grupos do discurso hegemônico, mas outros, que estão à margem, também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar as representações e a construção de identidade contidas no conto *No Seu Pescoço*. Percebemos, então, que toda a representação objetiva significar, impor e ensinar modos de ser, viver e se posicionar dentro de uma determinada cultura.

Além disso, podemos concluir que na narrativa analisada há a construção de identidade marcada pela diferença tanto da personagem do conto, quanto do próprio leitor que, ao encontrar outras formas de representações, repensará as que já tem instituídas em seu imaginário.

É necessário dizer que não há uma verdade absoluta nas representações, tampouco estas devem ser encaradas como espelhos refletindo o mundo concreto, mas sim devem ser percebidas como construções de significados a partir de um determinado espaço e tempo histórico, em uma determinada cultura. As representações nunca serão unânimes, pois o lugar de onde cada um fala não é o mesmo; o importante é que cada vez mais novas representações, principalmente as produzidas por sujeitos à margem da sociedade, tenham espaço na cultura.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No Seu Pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Da pedagogia às pedagogias: formas, ênfases e transformações**. 2012. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49809/000837866.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 18 maio 2020.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 21 maio 2020.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart. The spectacle of the Other. In: HALL, S.; EVANS, J.; NIXON, S. (Orgs.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage, 1997b. p. 225-279.

GIROUX, Henry. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 133-158.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019a.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2019b.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014a, p. 73-102.

SILVA, Tomas Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STEINBERG, Shirley R. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Orgs.). **Identidade Social e a Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: SMED, p. 98-145, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 7-72.